

O sonho bollywoodiano de uma brasileira

A jovem Beatriz Seigner é a responsável pela primeira coprodução Brasil-Índia, que chega às telas na sexta-feira

Renato Lemos

Especial para O GLOBO

Ali pelo comecinho de 2003, Beatriz Seigner tinha acabado de cursar o ensino médio e estava naquela fase de bobeira antes de começar a faculdade. Entre uma coisa e outra, decidiu passar um tempo fora do país. A Europa era o destino certo da maioria das amigas, mas a Índia era dez vezes mais barata e instigante. Beatriz foi para lá disposta a fazer um curso de cinema e passar um mês gastando cinco dólares por dia. Ficou seis meses. O curso foi suspenso por causa do calor. E, no fim das contas, gastou muito mais do que o previsto — até hoje alguns papagaios estão soltos para pagar as ideias que, a partir dali, começaram a tomar conta de sua cabeça. “Bollywood dreams” — que tem pré-estreia hoje no Odeon e entra em cartaz na sexta-feira — é o resultado dessas ideias.

Indianos levam 30% da renda

“Bollywood dreams — Sonhos bollywoodianos” conta a história de três amigas — interpretadas por Paula Braun, Lorena Lobato e Nataly Cabanas — que se mandam para a Índia a fim de rodar um filme em Bollywood, a tradicional indústria de cinema de Bombaim. Os sonhos, as roubadas, as epifanias, a curiosidade do estrangeiro, está tudo lá. É ficção com um pé no documentário. O projeto começou a ganhar forma quando, durante um festival de cinema indiano na Cinemateca de São Paulo, Beatriz abordou o produtor Santosh Sivan (de “O terrorista”) e apresentou os seus planos. Sivan levantou a produção (equipe, transporte, equipamento, hospedagem) em três dias, tudo em troca de 30% de uma bilheteria que, até agora, não entrou em ação. É o primeiro filme com coprodução Brasil-Índia da História.

— A Índia é feita para se perder, é um lugar de virada, de mudanças — diz a diretora. — Você chega lá planejando uma coisa, mas tem que estar sempre preparado para mudar. Isso pode ser muito bom.

A primeira mudança foi na equipe. Acostumados a trabalhar com os métodos de cinema de lá, os técnicos indianos tentavam, a todo momento, subverter o roteiro de Beatriz. Sem contar que jamais haviam trabalhado sob o comando de uma mulher, o que podia parecer humilhante



Leonardo Aversa



Fotos de divulgação

A DIRETORA

Beatriz Seigner (à esquerda) e cenas de “Bollywood dreams”, com as atrizes brasileiras e uma dançarina indiana: filme dispensou clichês do gênero



Não consigo mais assistir ao cinema comercial, só consigo ver o cinema como questão de vida

Beatriz Seigner, cineasta

contraplano, cenas muito iluminadas e, principalmente, muito glamour. Tudo o que Beatriz não queria. Depois de três dias de filmagem, ela conseguiu substituir todo mundo.

— Eles queriam heroínas, eu estava atrás de seres humanos — explica a diretora.

Os seres humanos procurados por Beatriz e suas atrizes estavam escondidos em um país de mais de 1,2 bilhão de habitantes, 17 línguas, pelo menos cinco religiões muito fortes (ainda que 80% da população sejam islâmicos), quatro castas principais e cerca de 11 mil salas de cinema — no Brasil são pouco mais de 2.100. Um ingresso por lá custa US\$ 0,7. Só em Bombaim, em 2010, foram rodados 256 filmes, a maioria absoluta no estilo masala: histórias de amor e aventura, heroínas estilizadas e a obrigatoriedade de seis músicas por filme, com pelo menos quatro minutos de duração cada. Fora as dancinhas, claro.

— Tinha cena em que eles queriam colocar ventiladores para os nossos cabelos enquanto a gente filmava na rua; é assim que eles enxergam as estrelas de cinema — explica Paula Braun, que na época das filmagens já havia experimentado o sucesso em “O cheiro do ralo”. — Queríamos exatamente o oposto. Teve vezes em que a situação era tão real que eu chegava a pedir, implorar, para a Beatriz desligar a câmera, mas ela não abria mão de ir até o fim.

O roteiro de “Bollywood dreams”, que ficou em segundo lugar na preferência do público na Mostra de São Paulo do ano passado, tenta tirar partido do conflito cultural provocado pela presença das três atrizes brasileiras nas ruas de Bombaim. O filme tira partido dos imprevistos — desde os problemas para conseguir vaga em um hotel à perda de um trem — para reforçar a impressão de realidade.

Beatriz diz que tentou escapar das armadilhas entre a reverência exagerada e o exotismo cínico. Depois que se livrou da equipe tradicional — e negociou para conseguir que fosse dela, e não do produtor, o corte final — ela teve apoio de produtores independentes (contactados pelo próprio Sivan), o que acabou por dar ao filme um aspecto simples e direto, exatamente o estilo pretendido pela diretora.

Beatriz Seigner tem 26 anos, dois curtas (“Uma menina como outras mil” e “Roda real”) no currículo, formação de atriz, um diploma do Centro Experimental de Cinema de Roma (teve que assistir a 111 filmes de uma lista antes de pedir ingresso), olhos cintilantes, seis meses em um curso de dança indiana, a organização de cinco festivais de cinema indiano de São Paulo nas costas, R\$ 30 mil em contas a pagar e uma predileção por filmes que fujam do lugar-comum. Adora o Bergman

dos primeiros filmes e o Wim Wenders da fase preto e branco. Ama os coreanos, os iranianos, os malásios e, naturalmente, muito do cinema indiano.

— Não consigo mais assistir ao cinema comercial, só consigo ver o cinema como questão de vida — diz a cineasta, que vê “Quem quer ser um milionário?”, do inglês Danny Boyle, ainda como resultado da visão de um britânico sobre a Índia. — Não dá para usar a nossa régua para medir os outros.

Parceria com Walter Salles

O lançamento de “Bollywood dreams” fecha a tampa de uma parte da vida de Beatriz. E dá início a outras. Ela conta que está trabalhando no roteiro de “La contadora”, de Walter Salles. O diretor a descobriu quando fazia uma ponta (como atriz) em “Linha de Passe”. Tem feito viagens constantes à Colômbia, cenário de seu projeto pessoal — um filme de ficção focado em relações familiares, a partir da falsa notícia da morte de um pai. E ainda começa a montar um documentário que rodou na África, sobre línguas mortas. No intervalo, voltou à Índia para mostrar seu filme aos produtores:

— Acho que eles não levavam fé que aquilo que fizemos por lá, do nosso jeito, daria aquele resultado. No final, estavam todos eufóricos — explica Beatriz, que se diz fundamentalmente modificada após a experiência. — Dizem que a Índia funciona como um espelho que te dá respostas. As minhas respostas são as escolhas que eu fiz para a minha vida, desde a primeira vez que fui para lá. ■

Um balanço crítico de dez anos de cinema nacional

Títulos inéditos em circuito, mas consagrados em festivais, costumam mostra que mapeia filmes feitos no país na última década

Rodrigo Fonseca

Rcheado de imagens raras de índios que sobreviveram à violência dos latifundiários durante um massacre na Rondônia dos anos 1980, refugiando-se até em buracos, “Corumbiara”, documentário de Vincent Carelli, ganhador do Kikito de melhor filme no Festival de Gramado de 2009, é um dos títulos inéditos em circuito incluídos na mostra Cinema Brasileiro: Anos 2000, 10 Questões, em cartaz a partir de amanhã no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). Às 13h, “Redentor” (2004), de Cláudio Torres, inaugura a retrospectiva, que sugere um balanço crítico (estético, político e até afetivo) da filmografia nacional feita de 2001 a 2010.

Com curadoria dos críticos Eduardo Valente, Cléber Eduardo e do professor da UFF João Luiz Vieira, a mostra vai de longas-metragens autorais — caso de “O signo do caos” (2003), o derradeiro trabalho de Rogério Sganzerla (1946-2004), que será exibido amanhã, às 18h — a *blockbusters*

com espírito de pipoca assumido. Daí a presença de “Se eu fosse você 2”, comédia vista por 6.137.347 pagantes em 2009, que o CCBB exhibe no encerramento do evento, no dia 8. Referência na tradição etnográfica do audiovisual no país, o longa de Vincent Carelli será apresentado neste sábado, às 16h.

— Ao longo dos anos 2000, principalmente por conta do amadurecimento dos processos de produção digital, possibilitou-se o fortalecimento de uma produção mais barata, em grande parte feita apenas tendo por base as amizades e os laços pessoais forjados entre realizadores ao longo dos anos. Essa produção ainda tem circulado principalmente em festivais, inclusive internacionais, mas já demonstra sua força e constância. Ela precisa apenas conseguir se fortalecer também frente aos olhos de uma parcela maior do nosso público, o que não é tarefa simples nem rápida — explica Valente, lembrando que todos os debates da mostra estarão disponíveis em vídeo no site da mostra (www.revistacinetica.com.br/anos2000).



Divulgação

“CORUMBIARA”, de Vincent Carelli, premiado em Gramado em 2009, terá sessão no CCBB neste sábado

Ao todo, serão promovidos dez debates, mapeando a produção da década passada, refletindo sobre os resquícios da Retomada, a explosão da tecnologia digital e o *boom* documental. Fora “Corumbiara”, é extensa na mostra a fila dos filmes que ain-

da não tiveram vaga nas salas comerciais do Rio. Inclua aí “A alegria”, de Felipe Bragança e Marina Meliande (dia 29, às 18h); “A concepção”, de José Eduardo Belmonte (dia 4, às 16h); “A falta que me faz”, de Marília Rocha (no dia 6, às

13h30m e às 16h); e “Avenida Brasília Formosa”, de Gabriel Mascaro, e “Morro do Céu”, de Gustavo Spolidoro (ambos no dia 7, a partir das 17h). Permanece sem tela um dos filmes mais comentados da década passada: “Estrada para Ythaca”,

de Guto Parente, Pedro Diógenes e dos irmãos Luiz e Ricardo Pretti, vencedor na Mostra de Tiradentes de 2010.

‘A Pedra do Reino’ na telona

Com sessão no CCBB no dia 8, às 14h, “Estrada para Ythaca” é encarado como um estandarte do chamado Novíssimo Cinema Brasileiro, geração de realizadores avessa a formulas comerciais e marcada por filmes de baixo custo e alta experimentação narrativa.

— Tenho a impressão de que vários jovens realizadores sabem o que não querem: se inserir no modelo do cinema dito comercial. A partir daí, procuram um espaço próprio, em diálogo com exemplos do cinema, das artes visuais, da internet — diz o crítico José Carlos Avellar, que amanhã, às 20h, participa do debate “Que país é esse?” com a pesquisadora Andrea Ormond.

No dia 7, a partir das 16h, a mostra exhibe (na íntegra) “A Pedra do Reino” (2007), produção concebida originalmente para a televisão, mas cheia de nuances cinematográficas, rodada por Luiz Fernando Carvalho. ■